



Atuação do MESA São Paulo durante a pandemia do Coronavírus

Luana Tiharu Doi^{1*} , José Raimundo Sousa Ribeiro Júnior²  e Daniel Henrique Bandoni¹ 

Introdução: O Mesa Brasil é um programa social desenvolvido pelo Serviço Social do Comércio que busca reduzir o desperdício de alimentos e auxiliar no enfrentamento da fome. **Objetivo:** O estudo teve como objetivo compreender a sua atuação frente à pandemia de COVID-19, um período de crise humanitária, sanitária, ambiental e socioeconômica mundial. **Métodos:** Trata-se de um estudo transversal qualitativo que envolveu a realização de entrevistas semi-estruturadas com as Coordenadoras estadual, municipal (metrópole, litoral e interior) e do Centro de Captação e Armazenagem Mesa Brasil de São Paulo. A análise de todo o conteúdo foi do tipo temática. **Resultados:** Dentre as principais alterações e adaptações, estão a redução das doações, para a qual houve flexibilidade no cadastro das instituições, atendimento às famílias, desenvolvimento de campanha e cestas básicas com produtos de higiene e limpeza; aumento de doações de ultraprocessados, para o qual houve a respectiva adesão a alguns produtos não usuais. **Conclusão:** O programa demonstrou enorme capacidade em desenvolver medidas criativas para o novo cenário a um tempo relativamente curto, muitas das quais podem servir de inspiração para outras iniciativas. Apresentou-se ainda mais imprescindível para esse cenário de emergência, especialmente no que tange a alimentação da população vulnerabilizada dentro de um país com políticas públicas ausentes para tal.

Palavras-chave: Direito Humano à Alimentação Adequada, Mesa Brasil, COVID-19.

MESA São Paulo's performance during the Coronavirus pandemic

Introduction: Mesa Brazil is a social program developed by the Social Service of Commerce that seeks to reduce food waste and help fight hunger. **Objective:** The objective of the study was to understand its performance in a period of humanitarian, sanitary, environmental and world socioeconomic crisis. **Methods:** This is a qualitative cross-sectional study that carried out semi-structured interviews with the state and municipal coordinators (metropolis, coast and countryside) and the Mesa Brazil Collection and Storage Center in São Paulo. The analysis of all the material was of a thematic type. **Results:** Among the main changes and adaptations are the reduction of donations, for which there was flexibility in the registration of institutions, assistance to families, development of campaigns and basic baskets with hygiene and cleaning products; increase in donations of ultra-processed products, for which there was the respective adherence to certain unusual products. **Conclusion:** The program has shown

¹ Instituto de Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo – *Campus* Baixada Santista, Santos, Brasil. *Endereço para correspondência: *E-mail:* luanatiharu@gmail.com.

² Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Federal do ABC – *Campus* São Bernardo do Campo, São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil.

enormous capacity to develop creative measures for the new scenario in a relatively short time, many of which can serve as inspiration for other initiatives. It was even more essential for this emergency scenario, especially with regard to feeding the vulnerable population within a country with absent public policies for this.

Keywords: Human Right to Adequate Food, Mesa Brasil, COVID-19.

Submetido em: 07/11/2022

Acceto em: 12/07/2023

INTRODUÇÃO

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o mundo estava sob o risco de transmissão da doença COVID-19 e, em 26 de fevereiro de 2020, a pandemia foi oficialmente registrada no Brasil. Desde o seu início, observou-se uma deterioração da situação alimentar em todo o mundo com um aumento preocupante da insegurança alimentar^[1].

De acordo com a FAO (2021), em 2020, pouco mais de um décimo da população mundial estava em situação de insegurança alimentar grave, o que equivalia a aproximadamente 927 milhões de pessoas, cerca de 147 milhões a mais que em 2019. Ao se considerar a quantidade de pessoas em situação de insegurança alimentar moderada e grave, esse número salta para 2,37 bilhões de pessoas, o que significava que cerca de uma em cada três pessoas do mundo não tiveram acesso a uma alimentação adequada. Nesse mesmo período, a proporção de pessoas cronicamente desnutridas passou de 8,4% para 9,9% da população mundial (aproximadamente 768 milhões de pessoas)^[2].

No Brasil, dados publicados pelo IBGE e pela Rede PENSSAN também apontam para um crescimento da insegurança alimentar em anos recentes. Em 2017-2018, 41% da população (84,9 milhões) estavam em situação de insegurança alimentar, sendo que 5% da população (10,3 milhões) estavam em situação de insegurança alimentar grave^[3]. Já no final de 2020, de acordo com o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil realizado pela rede PENSSAN, a proporção de pessoas em situação de insegurança alimentar passou para 55,2% (94,9 milhões), e em situação de

insegurança alimentar grave para 9% da população (19,1 milhões)^[4].

Esse aumento revela que as ações do Estado brasileiro para a proteção social da população mais vulnerabilizada, inclusive para a garantia do direito humano à alimentação adequada, foram falhas e insuficientes. Na verdade, o desmonte sistemático do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN), assim como a deterioração de políticas como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), revelam que o governo federal atuou no sentido de tornar a população vulnerabilizada ainda mais dependente das ações da própria sociedade civil^[5].

Entre essas ações, destaca-se o Programa Mesa Brasil SESC (MBS), uma iniciativa privada promovida pelo Serviço Social do Comércio (SESC) que se configura como uma Rede Nacional de Solidariedade contra a Fome e o Desperdício de Alimentos. Para tal, o MBS retira doações de “alimentos excedentes ou fora dos padrões de comercialização, próprios para o consumo”, provenientes de estabelecimentos alimentícios (supermercados, empresas de alimentos, campanhas, varejões, produtores de alimentos, centros de distribuição), e as entrega às instituições sociais cadastradas (escolas, serviços de contraturno escolar, unidades terapêuticas, instituições de saúde, instituições de longa permanência para idosos, hospitais, abrigos, albergues). Além disso, também promove ações educativas de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) e Assistência Social para os envolvidos^[6].

Criado em 1994, o MBS é um dos pioneiros na construção de uma rede solidária de alimentos e, atualmente, é um dos maiores Banco de Alimentos da América Latina^[7]. Ao considerar a sua extensa

trajetória e carga de conhecimento, a compreensão de como esse programa tem enfrentado os desafios impostos pela pandemia pode proporcionar uma referência para outras iniciativas comunitárias ou governamentais. Além disso, também pode contribuir com a reflexão sobre a insegurança alimentar.

METODOLOGIA

Foi realizado um estudo de caso transversal de abordagem qualitativa, devidamente aprovado

pelo Comitê de Ética sob o CAAE 45924621.8.0000.5505. O levantamento de dados ocorreu durante o 1º semestre de 2021, e se constituiu de entrevistas semiestruturadas individuais com duração de aproximadamente 1 hora cada. Foram entrevistadas cinco coordenadoras do Mesa Brasil do Estado de São Paulo (da Administração Central do MBS SP, do CECAM, e dos MBS de Itaquera, Piracicaba e Santos). O perfil das entrevistadas (quadro 1) varia tanto com relação às suas atribuições como com relação ao tempo de atuação no programa.

Quadro 1. Perfil das entrevistadas, 2021.

Entrevistada	Cargo	Atribuição Principal	Tempo de Atuação (em anos)
1	Coordenação da Administração Central do MBS SP	Unificar o trabalho das 19 unidades do MBS do Estado de SP	24
2	Coordenação do CECAM	Verificar a situação das doações para sua posterior distribuição a cada unidade	6
3	Coordenação do MBS Itaquera	Receber e distribuir as doações para as instituições sociais cadastradas	4
4	Coordenação do MBS Piracicaba		24
5	Coordenação do MBS Santos		3

Fonte: Elaborada pelos autores.

As entrevistas foram realizadas por videoconferências, gravadas com a devida autorização das participantes, e armazenadas em aparelhos de uso exclusivo para a pesquisa e de acesso restrito aos pesquisadores para posterior transcrição. O roteiro de entrevista, previamente desenvolvido, foi o mesmo para todas, distinguindo-

se somente pela eventual adição de perguntas específicas relacionadas ao cargo e ao local.

Além disso, o levantamento documental ocorreu por meio do Relatório do Mesa Brasil de 2020 disponibilizado pela Coordenadora da Administração Central. O levantamento bibliográfico, por sua vez, foi elaborado

constantemente durante toda a pesquisa a partir de literatura pertinente e atualizada em diferentes bases de dados.

A análise dos dados foi de conteúdo do tipo temática, que é dividida em pré-análise (organização do que será analisado); exploração do material (recorte do texto, regras de contagem, organização em categorias teóricas ou empíricas); e tratamento dos resultados (destaque para as informações “brutas” obtidas)^[8].

RESULTADOS

O MBS procura garantir devidamente a segurança higiênico-sanitária desses alimentos, com equipe especializada e treinada composta por nutricionistas, motoristas, ajudantes entre outros, além de equipamentos e estrutura adequados próprios do SESC, como frota refrigerada ou congelada e Equipamento de Proteção Individual (EPI). No caso do MBS de São Paulo, há também o Centro de Captação e Armazenagem Mesa Brasil (CECAM), um espaço estratégico que recebe e distribui grandes quantidades de doações desde 2016.

O cadastro de uma instituição social ao programa ocorre mediante o cumprimento de alguns critérios, entre eles: (i) a apresentação do comprovante de Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ); (ii) a garantia de que o preparo e consumo dos alimentos doados serão realizados dentro do próprio local; e (iii) a participação nas ações educativas do SESC. Tudo isso para que o trabalho seja corretamente executado em todas as etapas do processo.

Por conta da pandemia, em 18 de março de 2020, houve o fechamento de todas as unidades do SESC e das instituições sociais a ele vinculadas, como creches, Centro para Crianças e Adolescentes e Centros de Convivência para Idosos. Dentre as instituições, continuaram abertas nesse período somente unidades com funcionamento de 24 horas: Centros de Acolhidas, Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICA), Abrigos, Casas de Longa Permanência para Idosos (ILPI) e de População em Situação de Rua, Hospitais e Albergues.

A partir de 6 de abril de 2020, o Mesa Brasil retornou à atuação. Para tal, foram desenvolvidos protocolos e vídeos educativos baseados nas recomendações dos órgãos sanitários nacionais e locais. A exposição diária da equipe durante a operação exigiu treinamento e adaptação de seu paramento: além de sapato de segurança, luvas e óculos de proteção, foi necessário adicionar também os aventais de TNT, as máscaras PFF2 e o *face shield*. Juntamente a isso, ocorreu o afastamento de pessoas que integravam o grupo de risco.

Proporção Oferta-Demanda das doações

Com o retorno, o contato com as instituições sociais e os doadores foi reestabelecido. No começo da pandemia, observou-se um aumento na quantidade de alimentos doados pelo MBS-SP. O volume total passou de 5,5 milhões de quilos em 2019 para 7,2 milhões de quilos em 2020, um aumento de, aproximadamente, 31% das doações.

No entanto, do final de 2020 até o início de 2021, houve uma redução das doações e, ao mesmo tempo, um crescente aumento da demanda. Diante desse cenário, o programa realizou algumas adaptações e desenvolveu iniciativas.

Dentre as adaptações, está o “Cadastro Emergencial para Atendimento à Família”. Antes, as instituições sociais só poderiam fornecer os alimentos doados para o público assistido em si, dentro do próprio local (ex: na creche, somente para crianças). Com essa medida, a família do público também poderia receber, já que o consumo não se restringiu só dentro da instituição.

Paralelo a isso, houve também a flexibilização no “Cadastro das Instituições Sociais”. Desse modo, o programa não exigiria mais a totalidade dos critérios mencionados anteriormente. A instituição social precisaria somente estar formalizada em termos legais, e cumprir o papel de receber e entregar as doações para as famílias.

Entretanto, conforme o prolongamento da pandemia e a crescente demanda, essa última adaptação já teve de ser rompida. De acordo com uma das entrevistadas (E5), a partir de março de 2021, gradativamente, as instituições foram voltando e começou-se a desvincular algumas das

emergenciais, pois o volume também não era suficiente para atender a todas.

Além disso, o programa passou a buscar mais parcerias para doação e a desenvolver as próprias cestas básicas, criando a campanha chamada “Ação Urgente contra a Fome”, em que pessoas físicas também poderiam doar em qualquer unidade do SESC. Isso não acontecia antes devido à logística de passar com caminhão de casa em casa.

No final de 2020, totalizaram-se 1.269 instituições sociais cadastradas ao programa, 1.200 empresas doadoras e 211.000 pessoas atendidas, sendo 93.000 pessoas das instituições sociais, ou seja, que fazem as refeições no local, e 118.000 pessoas que recebiam em famílias (E1).

Classificação das doações

O programa procura seguir as orientações do Guia Alimentar para a População Brasileira, priorizando o contato com distribuidores de hortifrutis. E isso não foi diferente na pandemia, já que frutas, legumes e verduras (FLV) permaneceram majoritários em relação aos demais gêneros alimentícios (72% da doação total). A única diferença foi a quantidade em si reduzida quando comparada ao ano antecedente (2019) (E1).

Inclusive, cabe destacar a contribuição significativa desse tipo de doação pelo MBS. Trata-se dos alimentos que mais carecem nas instituições sociais, principalmente por conta de apresentarem uma alta perecibilidade (composição físico química de alta Atividade de Água, pH próximo da neutralidade e presença de Carbono e Nitrogênio – ambiente ideal para a proliferação de microorganismos patogênicos)^[9] e, portanto, um alto custo. Dessa forma, torna-se necessário uma logística, operação e recursos (equipamentos com refrigeração e equipe treinada), condições que nem todas as iniciativas possuem.

Contudo, o programa se deparou com um aumento significativo da doação de ultraprocessados, especificamente de sopa em pó, macarrão instantâneo e biscoitos recheados. Apesar de reconhecer seus malefícios para a saúde, ao considerar o contexto emergencial, esse tipo de doação passou a ser aceito também. Para tal, em

quantidade moderada e controlada, direcionada a públicos específicos.

Ainda sobre esse aspecto, julgou-se interessante mencionar a valorização que é dada a esses produtos alimentícios por parte dos assistidos:

...às vezes, a gente percebe, na instituição, quando levamos algum produto como biscoito, a felicidade das pessoas ao recebê-lo, sendo ele de primeira necessidade ou não (E3).

Essa mesma receptividade é dada com relação aos produtos cárneos:

“...Ouvíamos das pessoas: nossa, há quanto tempo que eu não comia um bife...as pessoas acabam, por vezes, valorizando mais do que o próprio hortifrutis” (E3).

Em março de 2020, o programa chegou a doar também alimentos congelados da cozinha do próprio SESC (excedentes que ainda seriam preparados). Para tal, assegurou-se que aqueles haviam sido mantidos e que seriam recebidos atendendo aos critérios por parte da equipe técnica, em cozinhas com boas estruturas, sob temperatura adequada dos refrigeradores.

Também foram doados produtos de higiene e limpeza, cujo volume total foi de 485 mil quilos. Cabe destacar o comprometimento para garantir a segurança higiênico-sanitária desse tipo de doação, com cuidado durante todo o processo, sobretudo na seleção e no transporte. No caso, providenciou-se um caminhão próprio para tal, garantido a separação dos alimentos.

Os caminhões são lavados semanalmente e, com a pandemia, sanitizados com uma solução à base de quaternário de amônia, diariamente. Além disso, toda a equipe é treinada de forma que qualquer produto com alguma alteração como ponto de bolor, estrutura aberta ou rompida ou sem rastreabilidade conhecida não é coletado. Por fim, certificam-se as condições de recebimento, armazenamento e preparo das doações nas instituições sociais.

Interação entre Iniciativas

O programa apresenta uma forte articulação entre as unidades do próprio SESC. Abrangente a nível nacional, com estrutura, equipe e recursos necessários, a comunicação interna é constante e a logística é possível:

Por exemplo, eu tenho o SESC Santo André, que coleta grandes doações de bananas em Mauá. E, aí, às vezes, a Coordenadora local precisa me ligar, perguntando se eu tenho condições de retirar o excedente. (E3)

A gente também articula bastante com o Mesa de Minas Gerais e o de Rio de Janeiro, que são os mais próximos. Então, quando não conseguimos retirar no doador, algum deles vem retirar em São Paulo. Há também a ponte por meio de um dos membros da equipe com os Mesas do Brasil todo. Isso porque, às vezes, a gente tem doadores com fábricas em outros estados. Então, ele vai articulando com os outros Mesas. (E2)

A relação com as outras iniciativas, por sua vez, varia conforme a unidade do MBS. Especificamente, a nutricionista do interposto CECAM realiza o contato com a ONG Banco de Alimentos, para a qual repassa anualmente a lista das instituições atendidas e com a qual divide as doações. Ainda, o Banco de Alimentos da Prefeitura e o programa Prato Cheio também interagem com o MBS:

Às vezes, quando a gente não consegue retirar a doação, conversamos tanto com a ONG quanto com a Prato Cheio para fazer com que eles consigam ir e, assim, atender aquele doador. (E2)

Com a pandemia, julgou-se haver maior aproximação ainda entre essas e outras iniciativas com o programa MBS. No entanto, a única alteração encontrada foi entre a unidade de Piracicaba para com o poder público local, o que não acontecia antes. Para tal, realizou-se campanhas na cidade, como “tiro de guerra”, e houve a ajuda mútua na logística e no preparo. Essa facilidade, contudo, pode estar atrelada ao fato de se tratar de uma região do interior, o que

torna a comunicação mais acessível: “Os doadores muitas vezes são os mesmos, as instituições são as mesmas.” (E3)

Nacionalmente, o programa contou com o *Global Foodbanking Network* (GFN), ONG de união global entre os Bancos de Alimentos, parceira do MBS desde 2013, que realizou o repasse de fundos de seus parceiros para a realização das cestas básicas do programa. Dentre os principais resultados dessa parceria, está a doação de US\$ 758.500,00, com a qual foi possível a elaboração de 71.197 cestas básicas, de forma a atender 284.788 de 19 Estados^[10].

Diante de tudo isso, pode-se notar que há uma certa interação entre as iniciativas, sejam elas privadas, públicas ou de ONGs. No entanto, isso ocorre de forma um pouco dispersa e diferente, já que algumas das ações podem ser pontuais, as iniciativas específicas e os recursos desiguais^[11]:

... eu tenho frotas de caminhão, funcionários próprios, uniforme, EPI, toda a estrutura para conseguir realizar o meu trabalho. E isso não é a realidade para todos os locais. A gente pode falar dessa realidade inclusive no âmbito do SESC...E, quando a gente pensa em outras ONGs e outros BAs, isso acontece muito: às vezes, a gente sabe que tem BA que depende de voluntário, que não tem funcionário. (E3)

Em 2016, houve a criação da Rede Brasileira de Banco de Alimentos pelo então Ministério de Desenvolvimento Social (MDS), a fim de justamente unir os esforços dessas iniciativas e, com isso, fortalecer e abranger o trabalho. A partir do mapeamento das necessidades de cada uma, realizou-se a contribuição entre elas, gerando, assim, maior articulação e impacto social.

Perspectivas para o Futuro

A médio e longo prazos, o Programa MBS do Estado de São Paulo pretende, cada vez mais, aumentar a associação com maior número de fornecedores e, assim, também as suas doações. Estas, por sua vez, poderiam continuar se constituindo tanto de alimentos quanto de produtos de higiene e limpeza, sendo aqueles preferencialmente *in natura* ou minimamente

processados. Para tal, objetivam melhorar a logística atual:

Nós temos vários caminhões, movimentando-se a todo o tempo. Mas estamos fazendo uma análise se são as melhores rotas, para que possamos ter mais disponibilidades de receber e entregar cada vez mais alimentos. (E1)

Além disso, identificou-se também a pretensão em retornar o quanto antes às medidas educativas, como o prosseguimento de anteriores, além do desenvolvimento de muitas outras. Dessa forma, realiza-se não só a entrega dos alimentos em si como também agrega-se o ensino ao corpo das instituições sociais, à equipe do próprio MBS, aos doadores.

Realizadas mensalmente, essas atividades buscam ensinar diversas pautas relacionadas com a alimentação, como técnicas de seleção, manipulação e conservação dos alimentos, ou de produção do próprio tempero a partir dos produtos vegetais; controle financeiro para redução de gastos para o investimento em alimentos e outros processos de qualidade.

Outro ponto mencionado foi o cadastramento das instituições sociais atendidas durante esse momento emergencial:

...explicá-las quais são os documentos exigidos pelo Mesa para que elas sejam efetivas, e prepará-las. Isso porque muitas delas não têm nem CNPJ, ou seja, não são uma instituição instituída, reconhecida no Conselho. Então, é capacitar essas instituições atendidas durante o período pandêmico, para que elas entrem em fila de espera e, na próxima chamada, já estejam consolidadas para poderem participar do programa de forma efetiva. (E5)

Cabe também lembrar que o MBS só atua mediante unificação das diretrizes para todas as unidades, de forma que a decisão de adotá-las ou não só é realizada em conjunto. E, por fim, reforçar que, antes de tudo, o MBS sempre esteve atuante mesmo antes da pandemia, e assim pretende continuar, agora, ainda mais experiente:

“As perspectivas são de continuar sempre. Nosso trabalho não é pontual, não é por conta da pandemia. Mas ele é um trabalho contínuo.” (E3)

DISCUSSÃO

O aumento inicial das doações ocorrido logo no começo da pandemia pode estar associado ao desajuste comercial: houve uma súbita redução do consumo devido ao isolamento social, à crise econômica, ao fechamento de estabelecimentos e às restrições de transporte. Ao mesmo tempo, na outra ponta da cadeia alimentar, a produção continuava. E isso gerou um acúmulo de alimentos não vendidos ou sequer distribuídos:

Enquanto diversas empresas e comércios, no geral, estavam fechando, aqueles que forneciam alimentos continuavam trabalhando, e, às vezes, com desperdício até maior, porque o pessoal parou de frequentar. (E4)

Na medida em que as pessoas passaram a comprar menos, devido à redução da renda e condição financeira impactada, os produtos sobram mais...Então, tivemos uma situação em que muitas indústrias doavam justamente pela situação de não estar sendo comercializado/vendido do que se imaginava. Superprodução, imaginando que o mercado vai absorver... (E1)

Esse impacto comercial variou conforme tipo de estabelecimento e, conseqüentemente, gêneros alimentícios doados. Mesmo antes da pandemia, já se verificava uma maior adesão aos supermercados em detrimento das feiras livres^[12]. Em tempo de crise, esse fenômeno pode ter se agravado, já que há a tendência de se priorizar o estoque de alimentos não perecíveis^[13]:

Agora, dos supermercados, pelo menos aqui, a gente não vivenciou (fechamento). Pelo contrário, a gente teve redes aqui que já atendiam e inauguraram lojas na região; então, a gente conseguiu captar um novo doador...Esse setor dos supermercados, a gente consegue até ter uma boa regularidade...Mas, quanto a esse setor de hortifrutis e rede de

distribuidores, tivemos esse de doador de mamão do CECAM que fechou, e uma redução de volumes que costumávamos receber lá do CEAGESP (E3)

Esse cenário apresenta-se semelhante com o de um feirante da capital paulista, que relatou ter uma redução de mais de 40% das vendas no início da pandemia. Diante disso, ele passou a realizar a doação sistemática desses alimentos^[14]. Efeitos semelhantes foram verificados em outros estados brasileiros. As feiras livres de Corumbá, no Mato Grosso do Sul, foram suspensas, o que impactou ainda mais a situação dos trabalhadores e produtores locais^[15]. A Feira de Agricultura Familiar Nossa Terra do Rio Grande do Sul sofreu uma redução de 30% a 70% nas vendas de abril a junho de 2020^[16] e alguns pequenos produtores rurais de Amazonas, Pará e São Paulo relataram que chegaram a perder mais de 50% na sua produção. Com isso, 32% afirmaram terem doado esses alimentos^[17].

A crise econômica e o encarecimento dos produtos também repercutiram nas escolhas dos consumidores, o que, por sua vez, impacta nas doações recebidas pelo MBS: “...o cenário atual de que o arroz e o feijão estão uma fortuna...” (E5)

As pessoas acabam não comprando mais aquilo que é supérfluo. Está tendo agora um pouco mais de doação de chocolate, porque está caro. Eu prefiro muito mais comprar 1 kg de frango do que 2 pedaços de chocolate. (E2)

...(indústrias) diminuíram muito a sua venda (de ultraprocessados, principalmente), já que as pessoas começaram a comprar mais só o básico. Então, as pessoas começaram a comprar menos biscoito, doces, chocolates e afins, sobrando muito na indústria. (E4)

No entanto, a redução nas doações com o prolongamento da pandemia pode estar associada justamente ao reajuste do mercado alimentício, que passou a adequar a oferta de acordo com a demanda. Esta diminuindo, a sua produção diminui e, conseqüentemente, as doações.

Acho que agora já se tem melhor uma ideia de como está sendo essa venda, o quanto está se conseguindo comercializar, ajustando, assim, a produção. (E1).

Há relatos do pessoal do supermercado e interpostos sobre o quanto o movimento e o consumo caíram muito, de forma que eles não compram mais como antigamente. Então, tem toda uma questão econômica por trás dessa doação também...poder aquisitivo das pessoas. Este diminuindo, a indústria diminui a produção... (E2)

É natural que eles façam uma avaliação ali e percebam que acabam doando demais...E tentar otimizar esses recursos. Então, isso é uma questão que sempre impacta, a melhor gestão local. O poder de compra diminuiu e, com isso, os mercados passaram a comprar menos, perder menos... (E3)

Além disso, a variação na quantidade e no tipo de alimento doado também tem relação com o período do ano (sazonalidade). Isso já era observado mesmo antes da pandemia:

Se a Páscoa ocorre entre março e abril, entre maio e junho, há a oferta de ovo de páscoa e, entre julho e setembro, há a oferta de Colombo Pascoal. No Natal, há 3 anos, o SESC faz uma campanha junto com a BRF, que é a distribuição dos “chesters” que eles doam para nós. Em fevereiro e março, chegam os panetones, que é o excedente da produção da venda, cujo preço é jogado lá em baixo, para tentarem vender mais, e a indústria acaba doando para nós. Então, são esses produtos mais pontuais mesmo. (E2)

Apesar disso, justamente em épocas festivas, o doador corre o risco de não possuir a equipe suficiente (motoristas, entregadores...) para atender ao programa. Por fim, também se deve considerar a época de frio em que as geadas interferem no plantio, o mercado só compra o mínimo e os hortifrutis encarecem.

O comportamento do público das instituições sociais mediante a doação de ultraprocessados e produtos cárneos pode ser reflexo do valor social que a estes é atribuído. Tratam-se de alimentos economicamente elevados, encarecidos durante a pandemia. E, ao considerar o comer como uma incorporação não só de seus nutrientes, mas também de toda a sua carga simbólica, cultural, tradicional, local, religiosa e pessoal, passa-se a interpretar esse ato como uma forma de expressar sua posição na sociedade^[18].

No caso da carne, apesar do prejuízo econômico no país como um todo, houve um superávit em sua exportação de US\$550,8 milhões e 352,2 mil toneladas de volume em 2020^[19]. E, como consequência, há o aumento do preço desse alimento no mercado interno, o que intensifica, por sua vez, a então valorização social. Esta ocorre devido à construção simbólica, de aspectos cultural e nutricional, existente no decorrer da história^[20].

Isso pode ser observado em uma pesquisa realizada com beneficiários de um Banco de Alimentos, em que 86% consideravam a carne indispensável para uma alimentação saudável, acima de itens tradicionais como o arroz e feijão^[21]. Diante de todos esses apontamentos, há a desigualdade no acesso a esse alimento conforme renda, de forma que a população com poder aquisitivo maior chega a consumir o dobro do consumido pela de menor poder aquisitivo^[22].

No caso dos ultraprocessados, verifica-se um preço inferior à carne e a FLV, mas superior aos alimentos tradicionais como o arroz e o feijão. E essa posição reflete a realidade do consumo alimentar brasileiro conforme condição sócio-econômica, uma vez que a população de maior renda apresenta uma alimentação calcada majoritariamente em carne e FLV, enquanto que a mais vulnerabilizadas já assim o faz basicamente com arroz e feijão^[22]. Apesar disso, cabe adicionar que há previsão desses tipos de produtos alimentícios sofrerem queda em seus preços a ponto de ficarem inferiores aos alimentos frescos e *in natura*^[23].

Desde 2001, havia evidência de sua adesão aos hábitos alimentares brasileiros, com seu consumo excedente em relação aos alimentos regionais *in natura* e minimamente processados. Tratam-se de

produtos de longa validade, práticos, acessíveis e hiperpalatáveis, com alto investimento no *marketing* e na publicidade^[24,25]. Por serem ricos em gordura, açúcar e sal, e escassos em fibras e outros nutrientes, podem causar implicações na saúde com o desenvolvimento de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNTs), como doenças do coração, diabetes, hipertensão e câncer^[24,25,26].

CONCLUSÃO

A pesquisa apresentou um Grupo de Estudo relativamente reduzido de cinco entrevistadas pertencentes a um cargo e a uma profissão específicos, que pode ter gerado resultados padronizados. No entanto, cabe destacar que as entrevistadas correspondem a cargo estratégico, o que possibilita uma visão geral e participação ativa acerca dos acontecimentos do programa, com um tempo significativo de atuação, localizadas em regiões distintas e definidas. Dessa forma, cada uma apresentou-se imprescindível para que os Resultados adquirissem a devida densidade e profundidade.

O Programa Mesa Brasil São Paulo enfrentou algumas adversidades com a pandemia, mas isso não impediu a continuidade de seu trabalho. Este, na verdade, tornou-se ainda mais intenso, com diversas adaptações desenvolvidas em um relativamente curto período de tempo. A importância do trabalho em equipe, da solidariedade, da sensibilidade e, ao mesmo tempo, da calma foi destacada pelas entrevistadas.

Atuante há 29 anos, o MBS possui recursos suficientes para adquirir equipamentos e estrutura específicos, equipe treinada, organização e logística facilitada (possui unidades em diversas localizações bem distribuídas) – o que não é a realidade de muitas outras iniciativas. Por essa razão, tornou-se um importante doador de frutas, verduras e legumes, extremamente suscetíveis a danos físico-químicos.

Apesar de ainda apresentar suas limitações, melhor visualizadas com a pandemia, sobretudo o atendimento restrito e indireto ao público das instituições sociais cadastradas, ainda é um trabalho valioso para a sobrevivência da população vulnerabilizada e atendida pelas instituições sociais conveniadas. Isso porque enriquece as refeições a partir de uma minuciosa análise das doações realizada

por toda uma equipe especializada e treinada (condição higiênico-sanitária, classificação e para quem se destina).

A doação de 7,2 milhões de quilos em 2020 pelo Programa MBS do Estado de São Paulo certamente contribuiu para que a fome que atingia as famílias envolvidas não tenha sido tão devastadora durante a pandemia. No entanto, mesmo após este período, esta problemática ainda persiste, e o trabalho continua com vigor e de forma ainda mais preparada e engajada do que antes.

AGRADECIMENTOS

Ao Serviço Social do Comércio (SESC), mais especificamente às Nutricionistas do Programa Mesa Brasil de São Paulo, pela abertura e acolhida para o compartilhar de vivências nesse contexto.

FINANCIAMENTO

Nada a declarar.

CONFLITOS DE INTERESSE

Nada a declarar.

FUNÇÕES DOS AUTORES

Luana Tiharu Doi: realização da pesquisa, análise dos resultados, leitura de artigos e elaboração do texto.

José Raimundo Sousa Ribeiro Júnior: sugestões de artigos, escrita de trechos, revisão e elaboração de comentários.

Daniel Henrique Bandoni: sugestões de artigos, revisão e elaboração de comentários.

REFERÊNCIAS

[1] Organização das Nações Unidas – ONU. Organização Mundial da Saúde declara novo coronavírus uma pandemia. 2020. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1706881>.

[2] Food and Agriculture Organization of the United Nations – FAO. The state of food insecurity in the world. Rome: FAO; 2021. Disponível em: <http://www.fao.org/3/cb4474en/online/cb4474en.html>.

[3] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. 10,3 milhões de pessoas moram em domicílios com insegurança alimentar grave. Brasil: IBGE; 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28903-10-3-milhoes-de-pessoas-moram-em-domicilios-com-inseguranca-alimentar-grave#:~:text=10%2C3%20milh%C3%B5es%20de%20pessoas%20viviam%20em%20domic%C3%ADlios%20em%20que,84%2C9%20milh%C3%B5es%20de%20pessoas.>

[4] PENSSAN R. VIGISAN Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. Brasília: Rede PENSSAN; 2021. Disponível em http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf.

[5] Jaime PC. Pandemia de COVID 19: implicações para (in)segurança alimentar e nutricional [editorial]. Revista Ciênc. Saúde Coletiva [Internet]. 2020; 25(7):2504–2504. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020000702504&lng=pt&nrm=iso DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020257.12852020>.

[6] Serviço Social do Comércio – SESC. Guia do Programa Mesa Brasil SESC. Departamento Nacional. Rio de Janeiro: SESC; 2016. Disponível em: https://rfp.sesc.com.br/moodle/pluginfile.php/5848/mod_resource/content/2/Guia_MBS_4_11_2016_Rev2_Novo.pdf.

[7] Serviço Social do Comércio - SESC. Mesa Brasil SESC. Disponível em: <https://www.sesc.com.br/atuacoes/assistencia/mesa-brasil-sesc/#:~:text=Maior%20rede%20de%20bancos%20de,e%20ao%20desperd%C3%ADcio%20de%20alimentos.>

[8] Minayo MC de S. O desafio do conhecimento. São Paulo: Hucitec; 2014.

[9] Censi SA. Processamento mínimo de frutas e hortaliças: Tecnologia, qualidade e sistemas de embalagem. 1. ed. Rio de Janeiro: Embrapa Agroindústria de Alimentos; 2011. 144 p. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/83610/1/Livro-Processamento-Minimo.pdf>.

[10] Serviço Social do Comércio – SESC. Relatório de Atividades 2020. Departamento Nacional. Rio de Janeiro: SESC; 2021. Disponível em: <https://www2.sesc.com.br/portal/site/mesabril-sesc/publicacoes/relatorio+de+atividades+2020>.

[11] Belik W, Cunha ARAA, Costa LA. Crise de Alimentos e Estratégias para a Redução do Desperdício no Contexto de uma Política de Segurança Alimentar e Nutricional no Brasil. Rev. Planejamento e Políticas Públicas [Internet]. 2012; (38):

- 107–32. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/277/255>.
- [12] Belik W. Um retrato do sistema alimentar brasileiro e suas contradições. 2020. Disponível em: https://www.ibirapitanga.org.br/wp-content/uploads/2020/10/UmRetratoSistemaAlimentarBrasileiro_%C6%92_14.10.2020.pdf.
- [13] Júnior EAM, Polo EF, Freire OBL. O Comportamento do Consumidor e o Desperdício de Alimentos na Pandemia. In: Anais do XXII Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente (ENGEMA) [Internet]; 2020 Nov. 23-24; São Paulo, Brazil. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2020. Disponível em: <http://engemausp.submissao.com.br/22/anais/arquivos/323.pdf?v=1636085891>.
- [14] Reed S, Fonseca I. Apesar do combate ao desperdício, perda de comida aumenta no Brasil durante a pandemia. National Geographic Brasil. 2020. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2020/09/desperdicio-e-perda-de-comida-aumentam-no-brasil-durante-a-pandemia-sao-paulo>.
- [15] Freitas EP, Barbosa AF, Soares OMS. O Impacto da Pandemia sobre as Feiras Livres: Caso Corumbá-MS. ETM [Internet]. 2020; 3(2):12. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/midiaticos/article/view/10879> DOI: <https://doi.org/10.20873/stmmta2020-10879>.
- [16] Reis JB, Locatelli DR S. As Feiras de Produtores e as mudanças ocorridas devido a pandemia da Covid-19. In: Anais do XXII Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente (ENGEMA) [Internet]; 2020 Nov. 23-24; São Paulo, Brazil. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2020. Disponível em: <http://engemausp.submissao.com.br/22/anais/arquivos/99.pdf?v=1636177550>.
- [17] Futemma C et al. A pandemia da Covid-19 e os pequenos produtores rurais: superar ou sucumbir?. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum. [Internet]. 2021; 16(1): e20200143. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/wVG8tdPZQjDgspphx7sVJYN/?format=pdf&lang=pt> DOI: <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2020-0143>.
- [18] Azevedo E. Alimentação, sociedade e cultura: temas contemporâneos. Sociologias [Internet]. 2017; 19(44):276–307. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/jZ4t5bjvQVqqXdNYn9jYQgIL/?format=pdf&lang=pt> DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-019004412>.
- [19] Malafaia GC, Biscola PHN, Dias FRT. Os impactos da COVID-19 para a cadeia produtiva da carne bovina brasileira. EMBRAPA. 2020. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1121736/os-impactos-da-covid-19-para-a-cadeia-produtiva-da-carne-bovina-brasileira>.
- [20] Ribeiro CSG, Corção M. O consumo de carne no Brasil: entre valores socioculturais e nutricionais. Demetra [Internet]. 2013; 8(3):425–38 Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/viewFile/6608/7055> DOI: <https://doi.org/10.12957/demetra.2013.6608>.
- [21] Moura AF, Masquio DCL. Alimentação saudável na percepção de beneficiários do Programa Banco de Alimentos. Rev. Nutrire [Internet]. 2014; 39(2):222–32 Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2017/05/322135/artigo.pdf> DOI: <http://dx.doi.org/10.4322/nutrire.2014.021>.
- [22] Ribeiro Júnior JRS, Sampaio MAP, Bandoni DH, De Carli LLS. Atlas das situações alimentares no Brasil. Bragança Paulista: Universidade São Francisco; 2021. Disponível em: <https://sites.google.com/view/atlas-situacoes-alimentares>.
- [23] Maia EG et al. What to expect from the price of healthy and unhealthy foods over time? The case from Brazil. Public Health Nutrition. Cambridge University Press [Internet]. 2020; 23(4):579–88. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/public-health-nutrition/article/what-to-expect-from-the-price-of-healthy-and-unhealthy-foods-over-time-the-case-from-brazil/98FE380C358CCD2B25E99FFC7A4A8B9F> DOI: <https://doi.org/10.1017/S1368980019003586>.
- [24] Belik W. Estudo sobre a Cadeia de Alimentos. 2020. Disponível em: https://www.ibirapitanga.org.br/wp-content/uploads/2020/10/EstudoCadeiaAlimentos_%C6%92_13.10.2020.pdf.
- [25] França FCO et al. Mudanças dos hábitos alimentares provocados pela industrialização e o impacto sobre a saúde do brasileiro. In: Anais do I Seminário Alimentação e Cultura na Bahia [Internet]. 2012 Jun. 13-15. Bahia, Brazil. Feira de Santana: Universidade Federal de Feira de Santana, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/4617821-Mudancas-dos-habitos-alimentares-provocados-pela-industrializacao-e-o-impacto-sobre-a-saude-do-brasileiro.html>.
- [26] Monteiro C, Cannon G. Uma Nova Classificação dos Alimentos. Universidade de São Paulo. São Paulo; 2013. Disponível em: <http://www.wphna.org/htdocs/downloadsmar2013/journal/The%20Food%20System%20Portugues.pdf>.